

MRN, Herzog, FEB

Hoje completam-se 4 anos da morte de Vladimir Herzog. A data propicia comentários sobre o MRN, Movimento de Reconstrução Nazista, filhote da repressão, herdeiro legítimo da violência política oficial instaurada a partir de 1964.

Os manipuladores da segurança nacional, na ansia de sufocar todas as manifestações de contestação política, destravaram os mecanismos mais sangüinários até então escondidos nas dobras macias da sociedade cordial. A onda de crimes, linchamentos, sequestros e assaltos começou exatamente quando começaram a ser conhecidos alguns dos hediondos crimes praticados pelos tutores da nossa soberania. Oficializada a tortura como prática interrogatória de presos ditos políticos, ela estendeu-se às delegacias policiais, tornando-se rotina e norma. Aézio, Herzog e Fiel Filho são vítimas do mesmo algoz.

Os pacificadores da vida nacional conseguiram o milagre — num curto lance de tempo acularam a violência latente na sociedade brasileira, convertendo-a num dos ingredientes mais visíveis da nossa existência contemporânea. Na vida de nações e criaturas nada acontece gratuitamente — uma guerra bárbara como a que vivemos não será simplesmente evaporada pela anistia parcial. Ainda não se deu a purgação da virulência, os tumores ainda não foram lançados, por isso o pus circula livre pelas veias do sistema, aninhando-se em recônditos focos.

O MRN, apesar do nome, não é nazista, é fascista, braço da repressão. Não tem nada a ver com hitlerismo fóssil, mas tem muitíssimo a ver com a ideologia de segurança que dominou o País. A direita civil é tímida, a militar — assumida.

A leitura da carta que enviaram a d. Paulo Arns, na qual tiveram a gentileza de incluir na lista dos ameaçados o articulista, é evidentemente um clássico do estilo "segurancês", jargão policial-militar inconfundível. Vejamos:

1) A expressão "nossos homens" logo no primeiro parágrafo é típica de comunicados bélicos.

2) A defesa intransigente e ensandecida do acordo nuclear teuto-brasileiro em geral é feita por aqueles civis que receberam polpudas comissões e por um segmento das Forças Armadas que o consideram indispensável ao nosso poderio e hegemonia continental. É a palavra de ordem do nacionalismo de direita, subprodu-

Rio de Janeiro

to do currículo de certas academias estratégicas.

3) O anti-semitismo também faz parte de um novo comportamento despontando no selo militar. A admiração pelos feitos de Israel foi substituída pela propaganda árabe de que nossa inflação e os preços do petróleo são consequência do sionismo e, portanto, do judaísmo.

4) O puritanismo em matéria de arte é idêntico àquele professado publicamente quando a censura estava controlada diretamente por militares. Os comunicados da censura à imprensa estavam vazados nos mesmos termos.

5) A técnica do atropelamento foi largamente empregada pelo aparelho repressor para justificar mortes e impedir autópsias.

6) A menção ao liberalismo da burguesia (Bardela, Mindlin, Feffer) é similar a muitos informes dos órgãos de segurança vazados propositadamente nos últimos dois anos.

7) No sexto parágrafo há uma expressão tipicamente profissional: "esquema telefone". É característica do estilo da caserna a retirada das preposições. Um burocrata diria "o esquema do telefone". A síntese sincopada é denunciadora.

O Governo tem a obrigação de oferecer satisfação pública e imediata. Sua proverbial eficiência contra a esquerda, como muito bem o disse o cardeal Arns, deve ser posta a serviço contra os subversivos da direita. Sob pena de ser acusado de complacência e cumplicidade. Se o SNI a esta hora ainda não sabe o nome dos organizadores do MRN, demita-se o chefe do SNI.

Não se esqueça o presidente Figueiredo da atitude do seu predecessor, Geisel, quando há quatro anos atrás, depois do assassinato de Herzog, agiu com exemplar energia para escolmar as Forças Armadas de desempenhos que a deslustraram.

A morte de Herzog e o lançamento do MRN são galhos de uma mesma árvore. Caso não seja arrancada imediatamente, a promessa de fazer deste País uma democracia terá tanto valor quanto o sacrifício dos pracinhas na luta pela liberdade e contra o terror totalitário.

A.D.